

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor
Dom Sérgio Aparecido Colombo
Bispo da Diocese de Bragança Paulista (SP)

Recife, 23 de maio de 2026.

Recebi com surpresa e imensa preocupação a notícia da cobertura, por período que já ultrapassa 90 (noventa) dias, da obra “Santa Ceia”, do artista plástico Sérgio Prata Garcia, instalada desde 2008 na Igreja de N. Sra. Aparecida, Vila Aparecida, nesta cidade de Bragança Paulista, produzida em encáustica a frio, sobre suporte de madeira aplicada à parede.

Como profissional dedicado às questões de preservação e restauro do patrimônio edificado, ademais de atividades relacionadas à arqueologia e à museologia, gostaria de elencar as motivações fundamentadas para esta preocupação.

1. O princípio da preservação em relação a uma obra ou edificação impõe o estrito de dever de prover todas as medidas possíveis para evitar, prevenir ou limitar que ações antrópicas possam causar ou agravar deteriorações sobre o patrimônio que se pretende proteger;
2. Assim, antes de se realizar qualquer intervenção, é preciso e, portanto, devido, antecipar possíveis desdobramentos, sobretudo os potencialmente danosos, frente a ação pretendida, sob risco de causar perdas irreparáveis ao objeto patrimonializado. Para tanto, são necessários estudos de avaliação de cenários para identificar e prever consequências, segundo probabilidade e gravidade de ocorrências indesejadas. Para o caso em comento, pergunto: Tal providência foi efetuada?
3. É de amplo conhecimento entre todos os que se dedicam à causa patrimonial, em todo o mundo, que entre as maiores ameaças aos bens culturais está a presença da água, fator natural, sobre o qual todo gestor patrimonial, como no caso em questão o pároco, deve ater rigorosa e contínua atenção;
4. Neste sentido, faz-se necessário o monitoramento e acompanhamento da temperatura, da renovação do ar e do teor de umidade no ambiente e, em especial, na microatmosfera circundante à obra ou elemento integrado à edificação, sob risco de alteração da dinâmica da água junto a esta e, desta forma, propiciar oportunidades de degradação de seus componentes, seja a camada pictórica, o suporte direto, no caso em exame a madeira e, até mesmo, na parede da edificação. Perguntamos: Há o efetivo monitoramento da atmosfera e da água presente nesta no entorno imediato à obra? Foi instalado equipamento, como um desumidificador para manter níveis de umidade compatíveis com os requisitos de integridade exigidos para a preservação da obra?
5. Em sua clássica obra “*La biologia nel restauro*”, CANEVA, MUGARI & SALVADORI (Firenze: Nardini Editore, 1994) discorrem acerca dos mecanismos da biodeterioração resultante da ação de micro-organismos, que se desenvolvem, notadamente, em presença de água e seus graves impactos sobre os bens patrimoniais, bem como sobre a extrema complexidade para a eliminação destes em algumas situações. E, mesmo sendo possível esta ação, não se pode afastar por completo, por vezes, a impossibilidade da plena reversão dos danos porventura já instalados. Ou seja, a perda provocada sobre o objeto patrimonializado se tornará permanente, irreversível, ainda que se demande restauro, que não restituirá, jamais, a obra à sua condição original e importará custos neste intento;
6. Para a concretização de tais cuidados é importante considerar as normais climáticas da região onde está situada a edificação, elemento integrado ou obra de arte a proteger. Dados do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) registram que, nos meses de abril a junho, tem-se o seguinte perfil climatológico para a cidade de Bragança Paulista:

Mês	Mínima média	Máxima média	Temperatura média	Umidade Relativa
<i>Abril</i>	<i>16° C</i>	<i>24° C a 26° C</i>	<i>21° C</i>	<i>70% a 80%</i>
<i>Mai</i>	<i>13° C a 14° C</i>	<i>22° C a 23° C</i>	<i>18° C</i>	<i>65% a 75%</i>
<i>Junho</i>	<i>12° C</i>	<i>21° C a 22° C</i>	<i>16° C</i>	<i>60% a 70%</i>

Ainda quanto ao clima, cabe destacar que, nos dias mais secos de junho, a umidade à tarde pode cair para 30-40%, condição típica do inverno paulista. De manhã cedo sobe pra 90% por causa da neblina. Além disso, observa-se grande amplitude térmica entre a madrugada (por vezes abaixo dos 10° C) e o período mais quente do dia, o que tem significativo impacto sobre o movimento da água no entorno e no interior dos materiais. De outro lado, chuvas esparsas e de grande intensidade, em razão de frentes frias, como as em curso por diversas regiões do país, em especial no centro-sul do Brasil, podem agravar as relações entre a presença de água no solo, na atmosfera (umidade ambiental) e potencial danoso ao patrimônio construído, o que reforça a necessidade de componentes estruturais do prédio, como os telhados e cobertas, bem como o sistema de calhas e de escoamento das águas pluviais do entorno da edificação, cujo projeto, execução ou manutenção podem influir no atendimento ou não das funções de proteção, ainda que indireta, ao patrimônio edificado.

7. Nesta esteira, diante deste perfil climatológico é imperativo observar a dinâmica da umidade da atmosfera circundante ao elemento em comento, em especial quanto ao aspecto da porosidade e higroscopia dos materiais e do comportamento da água desde o solo em seu movimento de percolação (ou de ascensão) pelas paredes e sua distribuição aos elementos contíguos a esta, como a madeira de suporte à obra, com implicações diretas sobre esta e, nesta mesma esteira, para a camada pictórica, componentes da edificação, tal que, uma vez não tomados os cuidados requeridos, todos estes, individualmente ou em conjunto, podem sofrer patologias como o crescimento de micro-organismos, de onde resultam perdas que, como já citado, por vezes, podem não ser reparáveis.

Diante do aqui exposto, de forma muito breve, espero que seja de utilidade à V. Ex.^a Rev.m^a e a todos os que possa alcançar, as preocupações acerca dos riscos à integridade da obra, patrimônio da comunidade e, até mesmo do município, sejam observadas com o fito da preservação deste bem.

Sendo tudo para o momento, me coloco ao inteiro dispor para esclarecimentos adicionais que entenderem necessários.

Antonio Nunes Barbosa Filho

Prof. Dr. Eng. Antonio Nunes Barbosa Filho
Departamento de Engenharia Civil e Ambiental
Escola de Engenharia – Universidade Federal de Pernambuco
Responsável pela disciplina Conservação e Restauro do Patrimônio Edificado